

# No princípio era o mar... A ubiquidade do materno e a problemática da identidade na alergia (\*)

ANA MARIA PINA MARTINS (\*\*)

No princípio era o mar  
Tudo era escuro.  
Não havia sol, nem lua,  
nem gente, nem animais, nem plantas.  
O mar estava em toda a parte.  
O mar era a mãe.  
Ele era o espírito do que estava para vir  
e era pensamento e memória.

Mitologia Kogi (Civilizações pré-colombianas)

Alergia. Palavra criada no início do século por um médico austríaco, Clement von Pirquet, provém do grego, *allos* (outro) e *érgon* (acção). Reacção do sistema imunitário, «diferente» e «diferida»: face a um primeiro e aparentemente inofensivo contacto com uma substância estranha nada de assinalável ocorre, é o segundo encontro que desencadeia a manifestação alérgica. O organismo guardou a memória da substância, ao voltar a encontrá-la vai identificá-la e desencadear a crise.

---

(\*) Trabalho realizado no quadro do Doutoramento em Psicologia com Bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao abrigo do 2.º Quadro Comunitário de Apoio.

(\*\*) Psicóloga Clínica. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

Se a imunização previne a doença, o processo de sensibilização alérgica é o seu prelúdio.

Não existe na alergia uma relação tal que a mesma coisa desencadeie sempre efeito semelhante. De facto, os vários sintomas estão relacionados com diferentes órgãos. Parte das interacções moleculares e celulares que constituem a resposta alérgica são similares entre os alérgicos, pese embora as diferenças entre as substâncias que provocam a alergia e os sintomas apresentados. Esta diferença na sintomatologia deve-se, em parte, a que a interacção com o sistema imunitário se processa em diferentes pontos do corpo, e pode ir desde uma simples rinite até ao choque anafilático, de consequências por vezes mortais.

Definindo-se como a capacidade do organismo humano reagir especificamente face à pre-

sença de substâncias do seu meio ambiente constituídas como alérgenos, após a existência de um primeiro contacto sensibilizador, a alergia ocorre quando o organismo reage através da estimulação dos seus meios de defesa e tendo como intermediário o sistema imunitário. Reacção excessiva que ultrapassa uma reacção normal de protecção e que tem lugar quando a substância alérgica penetra no organismo.

Resultado de uma predisposição hereditária e da confrontação com factores favoráveis existentes no meio a alergia implica estas duas premissas. A predisposição para desenvolver alergia é uma característica inata e constitui o terreno alérgico, terreno atópico ou atopia: por assim dizer, uma capacidade exagerada do organismo para produzir defesas específicas, anticorpos, em resposta a substâncias estranhas, os alérgenos do seu meio ambiente.

A alergia é uma patologia que atinge o corpo na sua realidade orgânica. O alérgico debate-se principalmente com a problemática da identidade. Trata-se de uma indistinção eu/não-eu, oposição esta que define simultaneamente a busca de si, busca relacional e o processo imunológico.

É a relação entre os anticorpos e os alérgenos que está na origem da relação eu/não-eu, permitindo colocar a questão pela existência de um isomorfismo em torno da problemática da diferença: manifesta-se também no plano psíquico uma impossibilidade de alteridade, uma dificuldade em nascer, em ter uma identidade.

A existência desta situação define já a presença de um conflito sem saída possível: o sujeito alérgico encontra-se atingido devido a essa impossibilidade de diferença, mas não se pode diferenciar porque isso seria a chave para a precipitação da crise.

O fim é pois o impedimento da diferença. Para o conseguir o sujeito alérgico vai pôr em marcha todo um sofisticado processo defensivo que visa a obtenção de uma familiaridade em geral.

O clima materno é omnipresente. Dá-se uma redução pela qual todas as pessoas tomam o mesmo rosto, o rosto da mãe que é ainda o do sujeito.

É a própria atitude materna que vai favorecer esta dificuldade exercendo um controlo sobre a organização corporal, espaço-temporal da criança. Atitude que vai problematizar a constituição

peçoal destas funções impedindo a autonomia do seu funcionamento psicossomático.

É por meio da experiência sensorio-motora e prática que se exerce uma projecção primordial, sensorial, que vai organizar o conhecimento constituindo o corpo como esquema da representação mental do espaço, do tempo e do objecto. Dá-se ao mesmo tempo uma acção transformadora que equaciona o corpo entre o imaginário e o real, definindo espaços, fronteiras, finitudes, e permitindo um lugar ao sonho e ao desenvolvimento do processo projectivo. São as vicissitudes que concorrem para o impedimento deste processo que vão acarretar graves problemas à constituição daquelas funções.

A existência de um terreno alérgico conjugase na alergia com a particular configuração relacional anteriormente referida como situação de impasse. A evolução psicossomática na alergia, em conjunto com uma acção psicoterapêutica, poderão permitir a possível confrontação com a diferença e com uma situação triangular e, portanto, inflectir a patologia para um contexto edipiano. Ao contrário, a impossibilidade de encontrar uma solução pode conduzir a uma solução de tonalidade psicótica, com uma total confusão entre sujeito e objecto.

É por causa da indissolúvel ligação da aquisição de um espaço e de um tempo pessoais com um sentimento de identidade que é impossível falar dos ritmos na alergia (ritmos relacionais e biológicos) sem que se coloque também o problema do rosto. Com efeito, é o relógio biológico, enquanto elemento fundamental da concatenação do psíquico e do somático, que confere uma importância predominante à relação precoce entre o bebé e a mãe na regulação e sincronização dos ritmos vitais deste. Daqui decorrem espaço e tempo como conceitos fundamentais na organização psicossomática do sujeito.

Adquire-se o sentimento de possuir um rosto próprio na relação com o rosto materno que renvia à criança a sua própria imagem, processo este cujas origens remontam à primeira angústia experimentada pela criança perante o rosto de um estranho. A emergência da diferença contactada por Spitz e que este denomina como angústia do oitavo mês. A imagem em falta que a ausência de um retorno não devolve. Assim, a perda do rosto da mãe prefigura a perda do próprio rosto.

Devido à prevalência do rosto materno como meio defensivo a personalidade alérgica exclui a percepção da diferença e o outro não é reconhecido na sua alteridade. Também a angústia do oitavo mês está excluída das experiências relacionais da criança alérgica.

### CASO CLÍNICO

Lili, de 10 anos de idade, filha de pais estrangeiros, sofre de eczema que lhe provoca um mal-estar muito pronunciado, sofre igualmente de cefaleias das quais não se encontrou causa orgânica plausível. Tem dificuldades em adormecer, em permanecer atenta na escola, e mesmo em brincar. Por isso não brinca com as outras crianças – fica sozinha. Não se diverte – queixa-se. Não escuta as lições – os seus resultados escolares ressentem-se. Não pode adormecer por causa das lesões do eczema, não pode sonhar por causa dos pesadelos.

Quando era pequena tinha asma, desde os 3 meses, e foi um bebé hipotónico. Aos 2 anos e meio teve que ser hospitalizada, isso assinalou o início do eczema. Foi a avó materna a única que a pode acompanhar durante a hospitalização. A mãe ainda hoje atribui a isso o facto da sua filha se ter salvo e entrega à sua mãe as decisões importantes acerca da educação da criança. Os aspectos depressivos que envolvem a mãe e a sua indisponibilidade também aqui se podem fazer sentir.

Com 8 anos a mãe faz uma viagem prolongada que a afasta de Lili. Mais tarde esta reúne-se-lhe mas devido a questões de legalização de residência a menina é instruída para simular a ausência da mãe no país de origem. Isto marca o início e o posterior agravamento das cefaleias da criança.

Existe em Lili um terreno alérgico – a mãe é asmática, e uma situação relacional que se desenrola em torno de momentos mais ou menos prolongados de separação: as situações de desinvestimento materno ou de afastamento real desta figura. Esta situação assinala já a presença do impasse: a mãe está ao mesmo tempo presente e ausente, uma presença demasiado ausente e uma ausência demasiado presente. Nem a satisfação afectiva nem a separação se tornam possíveis.

A criança vai reagir de diferentes maneiras: pela alergia, que se manifestará nos planos cutâneo e respiratório, ou pelas dores de cabeça que, parecendo revestir-se de uma forma conversiva, permitem colocar contudo (devido à estranheza e inquietude associadas) a questão da sua associação com sentimentos de despersonalização e estranheza em relação ao rosto próprio. O impasse manifesta-se também nesta variabilidade sintomática.

O ritmo vigília/sono está alterado. A criança ressona, grita e acorda de noite. Não gosta de sonhar. Tem pesadelos assustadores onde sonha que a mãe e o pai estão doentes ou mortos e que vai ficar sozinha: a criança a braços com um conflito em torno da impossibilidade de separação cujos termos não apontam para uma saída possível.

Um dos pesadelos que se repete há mais tempo: «*uma pessoa grande que toca e fica no corpo*» e que lhe vai bater, sufocá-la. É então que ela grita. Este controlo sobre o corpo e a respiração relembra o conceito de super-ego corporal de que fala Sami-Ali.

Na leitura e na escrita faz erros frequentes por inversão de sílabas. O sistema métrico e as noções de grandeza e de lateralidade causam-lhe dificuldade especial, sendo a problemática do espaço e do tempo que aqui se configura. É desajeitada no seu corpo e, se bem que dextra, tem que se servir de um truque para reconhecer a direita e a esquerda, quando aperta as mãos os dedos da mão direita produzem estalidos característicos. Também o reconhecimento espacial é feito em espelho.

A mãe da Lili nunca lhe fala na sua língua materna, com consequências certas sobre o domínio da elaboração dos afectos pela menina.

Durante a sua psicoterapia fez um dia um pequeno poema que, para além dos aspectos depressivos que também envolvem a criança, permite reconhecer essa característica particular do seu funcionamento que é a eliminação das diferenças e a redução ao idêntico. Essa reunião de contrários que indica como que uma prevalência e ubiquidade do materno, tornando-se assim os opostos possíveis de coexistir: «*Que bela noite! / Que bela noite e que belo sol tão brilhante! / As estrelas brilham no céu. O sol brilha! / Os passarinhos voam cantando canções de alegria e*

*de tristeza. / O sol brilha, a noite está escura. / As estrelas iluminam a terra.»*

\*\*\*

**Rorschach:** O teste de Rorschach é utilizado com o propósito de ajudar a compreender a organização espaço-temporal em causa, as modalidades defensivas da criança, as suas possibilidades de ligação entre o interno e o externo, a «realidade real» e a «realidade imaginária», e a sua capacidade de elaboração afectiva.

O estudo da organização espaço-temporal funda-se em dois pressupostos: a existência de uma projecção sensorial, primordial, que funda a emergência da constituição espacial e do objecto, enquanto pertencentes aos campos do real e do imaginário – «o mecanismo projectivo está inserido na matéria sensorial (...) que lhe permite quando o princípio do real se põe a funcionar, constituir-se à parte como um processo imaginário» (Sami-Ali, 1970, p. 197); e o papel desempenhado pelo corpo próprio como fornecedor do esquema mental das representações de espaço e tempo.

Estes pressupostos justificam a função sintetizadora do corpo como mediador da actividade projectiva e do mundo do imaginário. «O corpo próprio mediatiza a passagem da actividade perceptiva àquela que encontra no sonho a sua expressão mais adequada» (Sami-Ali, 1977, p. 84).

O tempo cria-se na relação, através dos ritmos biológicos e relacionais, e vai-se organizando num tempo corporal. O espaço estrutura-se a partir de uma projecção sensorial que permite a elaboração das distinções de dentro e fora, alto e baixo, à frente e atrás, à esquerda e à direita. Esta projecção vai dar origem à representação, que não pode ser desligada de toda a experiência corporal.

A construção da representação mental e do imaginário assenta na experiência corporal. Existe pois uma evolução de um espaço sensorial para um espaço de representação simbólica.

Resulta desta breve exposição que as dimensões a procurar no Rorschach não se podem confinar ao estudo dos conteúdos projectivos na articulação entre o latente e o manifesto já que, na alergia, é a própria génese das funções psicossomáticas

do espaço e do tempo que está em causa. Além do conteúdo (da ressonância ao conteúdo latente) importa então a forma.

*Análise cartão a cartão:*

## I

«Uma abelha». «Um mosquito». A dimensão transferencial que se desprende do conjunto de respostas a este primeiro cartão revela uma reacção à proximidade relacional que faz acentuar a friabilidade dos limites. Os conteúdos que de outra forma teriam podido pertencer a um registo simbólico ligado à agressividade estão aqui ainda muito próximos da corporalidade: podemos ver a efracção, a picada, a sensibilidade cutânea.

A insistência na «cabeça» (e pensamos no rosto como lugar de identidade) far-se-á sentir ao longo de todo o protocolo. E a criança fala aqui da «cabeça» como forma de encontro de uma representação: «A mosca», «A mosca também tem esta cabeça».

A inexistência de uma especificidade ao nível da identidade produz a possibilidade de fazer recurso a referências de carácter não específico. E: «Parece também um mosquito», «Porque mosquito também tem isto assim» (Falando das pequenas manchas no detalhe lateral).

A igualdade entre o pequeno e o grande, o «mosquito» e o «falcão» assinalam a existência de um espaço onde os continentes e os conteúdos podem ter um encaστοamento recíproco.

Finalmente o «pássaro» que se torna um «falcão». Surgirá explicitamente em seguida o carácter ameaçador desta imagem que é também o traço de um super-ego corporal que constrange o corpo sendo ao mesmo tempo o seu organizador. O impasse vivido por esta menina encontra-se já no conjunto destas respostas.

## II

No segundo cartão encontra-se a representação de um conteúdo que tem lugar simultaneamente numa parte e em toda a figura: «Uma borboleta» que tem o «corpo» no detalhe branco central, que está ao mesmo tempo completamente contida no detalhe vermelho inferior, e que assumirá logo as dimensões de toda a mancha, no seguimento da resposta, com os eixos hori-

zontal – direita/esquerda (as «*asas*») e vertical – alto/baixo («*o pescoço*»/«*o rabo*») tentando serem bem definidos.

### III

A mobilidade dos conteúdos, que não se mantêm de nenhuma forma, é surpreendente neste terceiro cartão.

A «*cabeça*», de novo na primeira resposta, e depois uma oscilação entre as percepções ao nível das partes superior e inferior da mancha compreendendo conteúdos parciais. Pequenos pedaços de realidade tentando colmatar o encontro de uma identidade insatisfatória e de uma projecção corporal que se não pode constituir na sua integridade. Funcionam também como elementos dispersos de um pensamento ainda não regido por movimentos efectivos de elaboração simbólica.

Assiste-se ainda ao aparecimento de um processo onde a parte é tomada pelo todo.

Compreende-se como a conduta de elaboração projectiva é intensa e quase constante.

### IV

O centro da imagem é interpretado como se tivesse havido antes uma proximidade demasiada que conduziu ao aprisionamento no objecto.

### V

Esta banalidade conduz ainda a uma absorção pelo objecto, que é o sujeito absorvido pelo objecto, que é o sujeito... Daí o carácter sucessivamente ameaçador e inofensivo dos conteúdos: «*um pássaro*», «*um falcão*», «*uma gaivota*», «*um falcão*».

### VI

No sexto cartão surge uma outra manifestação da problemática do espaço e da identidade. A dificuldade de integração das referências ao nível corporal: ou é «*a cabeça*» de «*uma mosca*», ou então «*o corpo*» de «*uma borboleta*».

### VII

É interessante esta expressão: ele «*também tem essa cabeça, mas o corpo não*».

A problemática do todo e da parte (o grande detalhe ou o detalhe inferior), do grande e do pequeno («*um cão*» e «*uma abelha*»).

### VIII

Esta resposta, «*uma borboleta*» – a cor foi importante «*porque a borboleta são várias cores*», lembra curiosamente o que Andy Warhol dizia ao falar dos seus retratos de Marilyn Monroe: «*Isso são cores bonitas*».

### IX

A apreensão imediata da cor é feita com um carácter tangível e a interpretação da localização dos conteúdos, «*os ramos*» e «*a flor*», coloca a questão da identidade.

### X

Finalmente o último cartão assemelha-se ao primeiro. Também a sua situação, o seu lugar na relação entre sujeito e objecto. A continuação do impasse: a proximidade ameaçadora, o impossível afastamento. Vemos de novo a sensibilidade ao nível cutâneo, o registo corporal: «*uma aranha*», «*a que anda pelas paredes*» e a sua teia, essa «*que faz uma coisa assim (...) que se tem de tirar*».

*Análise Quantitativa:* O traço que mais se salienta na verbalização é o de uma ruminação que mostra a sideração em que a criança se encontra envolvida quando se trata de conferir uma forma às manchas.

A apreensão é, maioritariamente, na globalidade, mesmo nos cartões de configuração bilateral: apreensões globais simples e imediatas ou com grande participação de uma confabulação resultante do sincretismo da percepção e que tem a ver com uma dificuldade relacional acentuada, bem como com uma problemática respeitante à identidade.

A abordagem é feita quase exclusivamente por intermédio do registo formal. A associação de outros determinantes perfaz a totalidade das respostas mas nem por isso permite aumentar o nível de ligação ao real. Existe de facto uma grande desadequação neste campo que tem a ver com uma difícil tentativa de constituição de um corpo inteiro.

Os conteúdos animais caracterizam a quase totalidade das respostas, traduzindo a importância do deslocamento em detrimento dos conteúdos humanos que são em número quase inexistente. Apesar disto o número de banalidades é

considerável (tem quase todas as banalidades principais) revelando conformidade projectiva.

O T.R.I. é coartativo, apenas com uma leve expressão do pólo cor e a ressonância à cor assume muito pouca importância neste protocolo. Isto traduz uma grande restrição do imaginário.

*Análise Qualitativa:* A problemática que aqui se joga tem a ver com a identidade, acompanhando-se de alguma angústia que pesa sobre a integridade com a possibilidade da aproximação a um espaço relacional. Ela tem de ser preservada quando face ao outro pois é posta em risco por uma agressividade potencial que a relação implica. Joga-se aqui uma necessidade constante de construir uma imagem de si integrada e inteira, a que dificilmente é dada uma resposta satisfatória.

O afastamento da realidade é mais saliente quando está em jogo a constituição de uma imagem de si bem delimitada face ao outro.

Apresenta uma agressividade de carácter oral predominante, num registo que se situa entre o viver-se, na sua integridade, face a uma imagem materna que pode apresentar o risco de ser englobante, absorvente e, simultaneamente, a sua posição de dependência oral passiva e carência narcísica, apesar de esta imagem ser sentida como invasora.

As angústias quanto à sua integridade conduzem a atitudes de passividade e retracção narcísica ou idealização que não demonstram ter valor de desimpedimento, acentuando-se quando face ao directo apelo relacional e conduzindo a problemática à possibilidade de destruição, do próprio ou do outro.

O tempo parece não ter um fluir, ser imutável.

Fica muito patente o carácter de evitamento fóbico da relação e a necessidade de controlo que se revela muito difícil pois os mecanismos de defesa são pouco operantes (são postos em jogo mecanismos de defesa pelo recurso e controlo da realidade: evitamento, isolamento, ruminação, formação reactiva, denegação, hesitações e justificações).

A imagem viril apresenta aspectos inquietantes. A posição activa comporta um carácter fóbico e aspectos de analidade (difícil integração do passivo/activo).

A não manutenção de um ponto de vista está-

vel e autonomizado revela a grande imprecisão da identidade.

É interessante notar que o bestiário predominante é aéreo e situa-se basicamente em cartões de configuração inteira, o que parece reflectir aqui o jogo de uma problemática em torno de uma autonomia da respiração, uma identidade externa que organiza o corpo e não permite a separação.

Apresenta por vezes a possibilidade do recurso à fantasia, que se revela operante embora limitado.

Assinalam-se por fim dois aspectos deste protocolo: os conteúdos que, a nível do bestiário (como já foi apontado), são predominantemente compostos por animais do ar, insectos e pássaros; e a proximidade com a pele que se destaca de conteúdos tais como «a abelha» e «o mosquito» e se adensa com essa «qualquer coisa» constituída pela «aranha» «que se tem de tirar». (Oportunamente se aponta o nosso entendimento de que a leitura de um protocolo projectivo deve ser feita em conjugação com o relato dos sonhos ou das outras produções do sujeito. Sustentamos esta afirmação baseando-nos no mecanismo da condensação).

\*\*\*

Poder-se-ia dizer como conclusão: a captura num espaço que não é o seu, num ritmo que não lhe pertence.

Qualquer coisa de excessivo, «que fica no corpo». E lembremos as palavras desta criança a propósito do seu pesadelo: (...«uma coisa que toca e fica no corpo»).

Tudo isto é a marca de uma sensibilidade toda particular nesta criança que teve asma e tem agora um eczema. Uma sensibilidade ao nível cutâneo e ao nível respiratório: Uma projecção que se sucede e não consegue senão um esgotamento do sujeito devido ao excesso de tensão provocado pela multiplicação das referências exteriores.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Sami-Ali, M. (1970). *De la projection. Une étude psychanalytique*. Paris: Payot.

Sami-Ali, M. (1977). *Corps réel - Corps imaginaire. Pour une épistémologie psychanalytique*. Paris: Dunod.

*Palavras-chave:* Psicossomática, alergia, identidade, projecção, Rorschach.

#### RESUMO

A autora usa o Rorschach para procurar as qualidades do processo de construção da identidade na alergia tal como são estudadas em psicossomática pelo modelo multidimensional de Sami-Ali.

Este procedimento é apresentado como uma nova forma de conceber a projecção interpretando as produções Rorschach com o objectivo de considerar as suas dimensões corporais para além de uma forma simbólica de leitura.

Acentua-se a prevalência da figura materna como a principal característica da dimensão relacional desta patologia dando-se-lhe o nome de ubiquidade materna.

#### ABSTRACT

The author uses the Rorschach to search the qualities of the identity process in allergy as they are studied in psychosomatic by Sami-Ali's multidimensional model.

She presents this procedure as a new form of conceive projection by interpreting the Rorschach's productions in order to consider their corporal dimensions beyond a symbolic way of reading them.

By doing so she stretches the prevalent mother's figure as the main characteristic in the relational dimension of this pathology, naming it maternal ubiquity.

*Key words:* Psychosomatic, allergy, identity, projection, Rorschach.

# ANEXO

## Protocolo de Rorschach

<p><b>I</b> +++ 1 - Um bicho +(l)+  2 - Uma mosca. Parece uma mosca. 3 - Parece também um mosquito... 4 - Uma abelha! + (Posso guardar?) Não! +++ (Olha de lado) (l) É uma abelha... É uma mosca. 5 - É um pássaro, (Vira os olhos para cima e fica a pensar). (l) (Sorri). Parece um falcão. +++ É um falcão</p>	<p>(G) É uma abelha. Porque a abelha... porque quando eu venho para aqui eu penso logo que é uma abelha (?) As asas (gesto com os braços de voar). A mosca também tem esta cabeça (aporta Dd central sup.) Porque mosquito também tem isto assim (Dd raros - pequenas manchas E em D lats.). (G) Porque o falcão também tem essas asas. (Conta que viu um quando foi com a escola ao Jardim Zoológico).</p>	<p>Choque G F - A →Kan  Dd/G F - A  Dd/G F - A  G F - A →Kan  G F Clob A Ban</p>
<p><b>II</b> 6 - Uma borboleta... Uuu... Faz lembrar uma borboleta.</p>	<p>(G(bl)) Corpo (Dbl); a borboleta (D verm. inf). (?) Uuu Assim! Porque a borboleta tem estas asas. E também porque tem isto (Dd negro sup. central). (?) É o pescoço... Eu também achei que esse aqui, não só aqui (Dd inf. central) é o rabo. E penso também porque quando penso na borboleta, é só assim.</p>	<p>G(bl) F + A</p>
<p><b>III</b> 7 - É uma pessoa (l) &gt; Uuu + 8 - É um cão.</p>	<p>É só a cabeça e também o pescoço (G). (D negro "corpo" sem "pernas" no D negro "pessoa")</p>	<p>Choque Cor G(bl) F - Hd D F - A</p>



<p>9 - <i>É um cavalo.</i></p> <p>10 - <i>Faz-me lembrar um boi.</i></p> <p>11 - <i>É um porco...</i> (não há respostas certas nem erradas.) <i>... Parece um cavalo.</i></p> <p>12 - <i>Parece uma girafa.</i></p>	<p><i>Porque aqui parece o cão.</i> (D "pé" no D negro "pessoa") <i>Só o pé do cavalo.</i></p> <p>(D negro "corpo" no D negro "pessoa") <i>É o pelo do boi, só aqui.</i></p> <p>(D "pé" no D negro "pessoa") <i>Porque também parece o pé do porco.</i></p> <p><i>Porque girafa também tem comprido! (?)</i> <i>Só o pescoço! (D "pescoço" no D Negro "pessoa").</i></p>	<p>D/G F - A →Ad</p> <p>D/G F - A →Ad</p> <p>D/G F - A →Ad</p> <p>Dd/G F - A →Ad</p>
<p>IV</p> <p>Uma&gt;Uma</p> <p>13 - <i>É uma laranja.</i></p> <p>14 - <i>É uma caramujo (?)</i> <i>Parece um caracol. + É um caracol.</i></p>	<p>(Dd/G)</p> <p><i>Porque tem aqui assim e aqui! (Dd sup.)</i> (Mostra o D central tapando a restante mancha com as mãos).</p>	<p>G F - A</p> <p>D F - A</p>
<p>V</p> <p>15 - <i>De um pássaro.</i></p> <p>16 - <i>Também me faz pensar de um falcão.</i></p> <p>17 - <i>Uma gaivota.</i> <i>Falcão...</i> (Olha obliquamente o cartão).</p>	<p><i>Porque tem estas pernas. Eu tenho assim e é um pássaro (D) e o pé.</i> (Olha obliquamente o cartão).</p> <p><i>É um bicho, leva no bico as pizatinhas. Pega e leva. (?) Eu gosto dele no ar, mas não gosto dele quando ele desce.</i> (G) <i>É o pássaro é mais giro e não faz mal, é mais giro.</i></p>	<p>G F + A Ban</p> <p>G Kan Clób A</p> <p>G F + A →Clób</p>
<p>VI</p> <p>18 - <i>Uma mosca.</i></p> <p>19 - <i>Uma borboleta (tom de voz admirado)! É uma borboleta.</i> <i>Parece uma mosca.</i> <i>É uma borboleta. Eu acho que é uma borboleta... É! Mosca não é!</i></p>	<p><i>Porque só a cabeça (Dd sup. central) aqui.</i> <i>Parece uma mosca.</i></p> <p><i>Porque o corpo da borboleta (todo o D inf.) parece ser como este.</i></p>	<p>D/G F - A</p> <p>D F - A</p>
<p>VII</p> <p>+ (Olha séria e atentamente)</p> <p>20 - <i>É um cão. É um cão.</i></p> <p>21 - <i>Parece uma abelha.</i> <i>É um cão.</i></p>	<p><i>Porque só tem as orelhas, duas (G).</i> (D inf.)</p> <p>ADICIONAL: <i>Também me faz lembrar um</i></p>	<p>Eq. Choques</p> <p>D/G F - A</p> <p>D F - A →Kan</p>

	<i>canguru. (?) Porque o canguru tem essa parte aqui em cima (D sup. "orelha"), e também tem essa cabeça, mas o corpo não.</i> [D/G F - Ad] →Kan	
<b>VIII</b> 22 - <i>É um rato &gt; ... Uuu É um rato. (Repete e acentua o que diz. Dá-me o cartão).</i>	(D rosa lat.) <i>Eu vejo aqui e parece um rato.</i>  <b>ADICIONAL:</b> <i>E também me faz lembrar uma borboleta, também aqui (D rosa + D laranja inf.). (Cor?) Fazia, porque a borboleta são várias cores.</i> [G F <sup>+</sup> C A]	<b>D F + A Ban</b>
<b>IX</b> 23 - <i>Parece uma flor... Parece uma flor.</i>	(G) <i>Porque isto são verdes (D verde). É as folhas. E aqui também me faz lembrar de uma flor também (D laranjas), estas aqui são os ramos (Dd nas extremidades dos D laranjas).</i>	<b>G F<sup>+</sup> C Bot</b>
<b>X</b> 24 - <i>É uma aranha. É a que anda pelas paredes... que faz uma coisa assim (gesto com as mãos fumando riscos), que se tem de tirar.</i> 25 - <i>É um mosquito. (Repete duas vezes).</i>	<i>Porque eu vejo essa parte toda (D azul). Porque quando também penso na aranha é mesmo assim parecido.</i>  (D azul). <i>O mesmo.</i>	<b>D Kan A Ban</b>  <b>D F - A</b>

#### Prova das Escolhas:

##### Escolhas + :

VII - *Porque eu gosto de um canguru. Também gosto de ver um cão.*

V - *Porque eu gosto de pássaro. Porque eu gostei do pássaro. (E do falcão?) Gostei. (Só no ar, não é?) Sim!*

##### Escolhas - :

VI - (Antes tinha retirado momentaneamente o cartão IV e exclamado: - «Caracol eu gosto!» - Trocou-o de imediato pelo cartão VI.) *Porque eu não gosto de aqui (aponta filete no eixo central do D sup.). Faz-me lembrar uma minhoca.*

X - *Eu não gosto porque é aranhas.*

**Psicograma**

R=25

Recusas=0

Escolhas +: V e VII

Escolhas -: VI e X

G=18 (72%)	F=20	F+=4 F-=16 F±=0	A=23 Ad=0	Ban=4 (I, V, VIII, X)
D= 7 (28%)	K=0 Kam=2		H=0 Hd=1	
	FC=1		Bot=1	
	F Clob=2			

M. A.: G D

F%=84% 77	TRI: 2K / 0,5Σ C	A%=92% 77
F+%=29% 22	Introversivo Misto	H%= 4% 22
F%a=100% 77	RC%=16% 22	
F+%a=40% 22		

Elem. Qualitativos:  
Eq. Choque: VII  
Choque Cor: III  
Choque Inicial: I